



PROGRAMA FAROL DO FUTURO GEPOLÍTICA ENERGÉTICA

Título: *Implosão na Ordem Internacional Liberal*

PREÂMBULO

A Mudança de Paradigma: Da Ordem Global à Competição Geopolítica

Para executivos e investidores, a compreensão da atual paisagem global exige um reconhecimento fundamental: a ordem internacional liberal que moldou a economia e a política por mais de 70 anos está em colapso. A era do pós-guerra, caracterizada por uma crescente interdependência econômica, instituições multilaterais e uma relativa paz sob a liderança americana, deu lugar a uma nova fase de competição geopolítica explícita. Este não é um ajuste cíclico, mas uma ruptura estrutural que redefine as premissas básicas para a alocação de capital e a estratégia empresarial.

O período de sete décadas de globalização e prosperidade compartilhada chegou a um fim abrupto. Nas palavras do analista geopolítico William Werneck, a conclusão é inequívoca e final: **"esse mundo acabou"**. Esta ruptura não inaugura simplesmente uma nova fase de multipolaridade, mas uma era perigosa e imprevisível, cuja gravidade remete à década de 1930 — um período que antecedeu transformações globais profundas e conflitos sistêmicos. Esta não é uma observação meramente acadêmica, mas uma mudança profunda que exige uma reavaliação estratégica diária, um momento na história que os líderes precisarão de documentar para compreender.

O aspecto mais desconcertante desta transição é que o principal agente do seu desmantelamento é, numa virada historicamente inédita, a própria potência que a fundou, defendeu e dela mais beneficiou: os Estados Unidos. Esta ação autoinfligida amplifica a instabilidade global, deixando atores estatais e privados sem as regras e garantias que antes governavam as relações internacionais.

Com o fim da ordem antiga, torna-se essencial decodificar a nova lógica que governa esta era de competição. As seções a seguir apresentam os conceitos-chave necessários para navegar e compreender as novas regras do jogo.

As Novas Regras do Jogo: Quatro Conceitos Centrais para a Análise de Risco

A "nova desordem" não é sinónimo de caos aleatório; ela opera sob uma lógica própria, embora radicalmente distinta da anterior. Para decifrar esta nova realidade, é crucial dominar quatro conceitos analíticos que funcionam como ferramentas para interpretar as ações das grandes potências e antecipar os riscos e oportunidades emergentes.

1. A Primazia da Geopolítica sobre a Racionalidade Econômica

Este modelo mental estabelece que as decisões estratégicas das grandes potências são agora determinadas primariamente por considerações de poder, segurança e vantagem militar. A lógica de ganhos e perdas econômicos, que dominou a era da globalização, foi relegada a um papel secundário e instrumental. A premissa de negociações baseadas em interesses mútuos já não se sustenta, uma vez, atualmente, que os fatores geopolíticos são mais importantes nas tomadas de decisão de países do que a racionalidade econômica... O que está em jogo é manutenção do poder, cercar o adversário... vantagem militar.

Para líderes corporativos e investidores, isto significa que os modelos econômicos tradicionais para o risco-país são agora perigosamente incompletos. A questão principal já não é "isto é lucrativo?", mas sim "isto é geopoliticamente defensável?". Instrumentos antes vistos como puramente econômicos — tarifas, sanções e a arquitetura financeira — foram reclassificados como componentes de um "kit de guerra política". Isto força uma recalibragem dos modelos de risco, uma antecipação de fraturas nas cadeias de suprimentos e uma reinterpretação dos movimentos de mercado como efeitos colaterais de decisões de poder.

2. A Armadilha de Tucídides: O Risco Autoinfligido

A clássica Armadilha de Tucídides descreve a alta probabilidade de conflito militar quando uma potência ascendente (como a China) ameaça a posição de uma potência estabelecida (como os EUA). No entanto, uma reinterpretação mais sutil e relevante para o cenário atual desloca o foco do choque externo inevitável para a vulnerabilidade interna das próprias democracias.

Este novo conceito, a "Armadilha de Tucídides Interna", postula que os processos políticos domésticos e os incentivos eleitorais podem levar as democracias a tomarem "decisões estratégicas fatais" que enfraquecem a sua própria posição e precipitam crises. A análise de William sobre as ações recentes dos EUA ilustra perfeitamente este risco: "...a verdadeira armadilha de Tucídides é outra... É que democracias favorecem a tomada de decisões estratégicas fatais. É a descrição do que o Trump está fazendo hoje."

Essa perspectiva transforma um diagnóstico geopolítico numa ferramenta de governança democrática. A ameaça não é apenas a ascensão do outro, mas a capacidade de autossabotagem, que, por sua vez, pode ser mitigada através de mecanismos institucionais mais robustos.

3. A Arsenalização de Infraestruturas Sistêmicas

Infraestruturas globais que antes eram consideradas neutras e funcionais — transformando o que era considerado o "encanamento" (*plumbing*) global em alavancas

estratégicas de poder — foram convertidas em instrumentos de poder coercitivo. Este processo é conhecido como a "Arsenalização" de sistemas, ou, no jargão em inglês, a "**Weaponization of Finance**".

O controle sobre estes nós sistêmicos — como o sistema de pagamentos SWIFT, a hegemonia do dólar e as plataformas digitais — confere aos Estados a capacidade de impor sanções, vigiar fluxos de capital e excluir adversários do sistema financeiro global. O ato de "**tirar alguém do SWIFT**" é o exemplo mais concreto de como uma ferramenta técnica se converte numa arma geopolítica potente. Em resposta, outros Estados são compelidos a procurar alternativas, como a diversificação de reservas monetárias, a construção de sistemas financeiros e digitais redundantes e a implementação de políticas de soberania para reduzir a sua exposição a essa coerção.

4. A "Escolha de Sofia" Geoeconômica

Este conceito descreve o dilema estrutural imposto a potências médias, como o Brasil, que se encontram presas na rivalidade entre as superpotências. Esses países estão simultaneamente integrados às cadeias de valor ocidentais para obter capital e tecnologia, e dependentes dos mercados asiáticos (principalmente a China) como destino primário das suas exportações. A crescente polarização força um alinhamento binário, onde qualquer escolha acarreta perdas estratégicas significativas. A analogia utilizada por William Wernek para descrever a gravidade deste dilema é poderosa e precisa: "Nós estamos sendo empurrados por uma escolha de Sofia onde a gente só perde."

Este cenário invalida a ideia de um "equilíbrio inocente" e força os países a desenvolverem estratégias sofisticadas de "ambiguidade ativa" e construção de capacidades autônomas para evitar uma escolha binária ruinosa. Este dilema não é acidental; é o resultado direto e lógico da Arsenalização de infraestruturas e da Primazia da Geopolítica, que, juntas, criam o ambiente coercivo onde tais escolhas impossíveis são forçadas sobre as potências médias.

A aplicação prática destes quatro conceitos torna-se evidente ao analisar o dilema específico enfrentado pelo Brasil, que serve como um estudo de caso paradigmático para a nova desordem.

Estudo de Caso: O Dilema Estratégico do Brasil na Nova Desordem

O Brasil encapsula perfeitamente o arquétipo da potência média apanhada na rivalidade entre os EUA e a China, tornando a sua situação um estudo de caso vital para observadores internacionais e investidores. O país navega num ambiente onde os seus principais ativos

estratégicos o vinculam a um polo, enquanto as suas dependências críticas o atrelam ao outro. A tensão estrutural que o país enfrenta está sintetizada abaixo:

Ativos Estratégicos	Dependências Críticas
Superpotência em agronegócio com mercado primário na Ásia (China).	Dependência do Ocidente (EUA) para tecnologia, capital e educação.
Vasto território e recursos naturais.	Escassa capacidade de projeção de poder militar e estratégico.

Essa dualidade força o Brasil a confrontar a "Escolha de Sofia" geoeconômica na sua forma mais aguda. No entanto, o risco mais grave e imediato para o país transcende a economia: é a poderosa narrativa que molda a política dos EUA de que o Brasil não opera mais como uma democracia plena, mas como uma "**ditadura da toga**".

Essa visão, que interpreta o sistema político brasileiro como sendo dominado por um ativismo judicial com viés ideológico, eleva drasticamente o risco de ações hostis por parte dos EUA. A imposição de tarifas punitivas, neste contexto, deixa de ser uma mera disputa comercial para se tornar um instrumento de pressão política. A ameaça implícita é a de uma política de "**regime change**", na qual os EUA podem utilizar o seu poder para forçar uma mudança no curso político do Brasil.

Os riscos específicos enfrentados pelo Brasil servem como um alerta para empresas e investidores que operam em qualquer mercado geopoliticamente contestado, ressaltando a necessidade de traduzir a análise de risco em ações estratégicas concretas.

Implicações Estratégicas para Executivos e Investidores

A análise geopolítica apresentada traduz-se num conjunto de considerações acionáveis para a tomada de decisões no mundo corporativo e financeiro. Ignorar a primazia da geopolítica não é mais uma opção; é uma vulnerabilidade estratégica. As consequências econômicas e os riscos associados a esta nova era exigem uma reavaliação fundamental dos modelos de negócio e das estratégias de investimento. Consequências Econômicas da Nova Desordem:

- ✓ **Desacoplamento e Ruptura de Cadeias Produtivas:** A lógica da resiliência e da segurança nacional substitui a da eficiência de custos, forçando a repatriação de indústrias e a reconfiguração de fluxos comerciais.
- ✓ **Maior Volatilidade e Incerteza:** O fim de um ambiente baseado em regras aumenta o prêmio de risco, impactando avaliações e decisões de investimento.

- ✓ **Pressão Inflacionária Estrutural:** A queda na produtividade global, decorrente da menor especialização, pode sustentar uma inflação estruturalmente mais alta.
- ✓ **Juros Globais Estruturalmente Mais Altos:** Em um mundo mais incerto e arriscado, o custo do capital tende a ser permanentemente mais elevado do que nas últimas décadas.

Principais Riscos Geopolíticos para os Negócios:

- ✓ **Exposição à Arsenalização Financeira:** A dependência do sistema do dólar e do SWIFT torna-se uma vulnerabilidade, com risco de sanções secundárias e exclusão de mercados.
- ✓ **Pressão por Alinhamento Forçado:** Empresas que operam em países como o Brasil podem ser forçadas a escolher entre ecossistemas (EUA vs. China), arriscando o acesso a mercados ou tecnologia.
- ✓ **Risco de "Dano Colateral":** A escalada de tensões, como um bloqueio de Taiwan, pode gerar choques sistêmicos com impacto global imediato em logística, semicondutores e finanças.

Na era da competição geopolítica, a análise de risco e a compreensão das dinâmicas de poder deixam de ser uma especialidade de nicho para se tornarem uma competência essencial e não-negociável para a liderança estratégica. Tal como na década de 1930, estamos num ponto de inflexão onde as suposições fundamentais que sustentaram 70 anos de prosperidade não estão apenas a mudar, mas foram ativamente desmanteladas. Sobreviver e prosperar na nova desordem global dependerá da capacidade de antecipar, adaptar-se e agir com base numa leitura clara das novas e implacáveis regras do jogo.